Angela Maria Rocha

Considerações sobre a arquitetura e a identidade do homem no mundo contemporâneo

Resumo

O trabalho procura situar os aspectos culturais envolvidos na prática arquitetônica, considerando-os essenciais para a construção da identidade do homem. O movimento moderno na arquitetura representou um episódio de transição histórica, marcado pela reflexão sobre as mudanças tecnológicas ocorridas a partir da Revolução Industrial, reinserindo-as no campo das produções culturais e condicionando as práticas arquitetônicas enquanto especialização institucionalizada. O balanço do movimento moderno na arquitetura, que germina com a reconstrução européia no pós 2ª Guerra Mundial, não conseguiu superar a insuficiência crítica herdada do CIAM, que enfatizou os aspectos técnicos da prática arquitetônica.

Abstract

This work seeks to establish the cultural features found in architectural practice, viewing them as essential to the construction of mankind's identity. The modern movement in architecture represented an episode of historical transition which brought deep reflections on the technological changes occurring after the Industrial Revolution. This movement reintroduced these changes in cultural productions and shaped established architectural practices. The outcome of the modern movement in architecture, which flourished under the reconstruction of Europe following World War II, couldn't overcome the critical inadequacy inherited from CIAM, which emphasized the technical features in architectural practice.

Introdução

Procuramos situar na contemporaneidade os aspectos culturais tradicionalmente envolvidos na prática arquitetônica, por considerá-los essenciais para a construção da identidade do homem. A arquitetura, ao construir os espaços habitados e permanecer no tempo tem contribuído, por meio da história, para a construção da identidade do homem, caracterizando seus hábitos, suas percepções de horizonte e de mundo diversificados, conectando-a com o passado, com outras identidades mais amplas e também com o futuro. Enquanto processo artístico, a arquitetura captura e vivifica muitos dos aspectos da vida e do mundo, por vezes inexplicáveis, mas que sustentam experiências do viver. Enquanto fazer, o processo arquitetônico também está condicionado pela técnica, um *"saber que não se preocupa em explicar, mas somente em fazer ou conseguir algo"* (VARGAS, 1985, p. 21). As técnicas se apóiam em diversas ciências, suscetíveis ao controle e à comunicação por meio da linguagem científica, patrimônio da humanidade e por sua natureza, passível de difusão. Ao conjugar os saberes e a ciência em uma atividade prática, entretanto, insere a subjetividade no manejo das escolhas, em que algumas podem ser a cada momento privilegiadas em detrimento de outras, ainda que se fundamentem, muitas vezes, no domínio do conhecimento científico proveniente das ciências exatas, das ciências sociais, jurídicas ou da psicologia. No universo das palavras, na língua falada no cotidiano ou na poesia, o desenvolvimento da locução será dado pelas escolhas, caracterizando a ordem estética resultante. O objeto arquitetônico também compartilha dos sentidos veiculados pelas artes, por escolhas que são, em princípio, intraduzíveis por outros meios de linguagem. Para ser tocado por uma pintura, por exemplo, não é necessário o conhecimento da teoria da cores, da natureza dos pigmentos e aglutinantes, ou ainda, o conhecimento dos processos visuais provenientes da gestalt. Mesmo sem o conhecimento prévio da história da pintura, ainda assim a pintura pode sensibilizar. Entretanto, há no objeto pictórico o distanciamento, um espaço criado que o separa do mundo cotidiano, como objeto produzido essencialmente para a visualidade.

Apesar de todo o conhecimento sobre o ambiente construído produzido nas últimas décadas, a dificuldade em apreender e nomear a matéria construída, o objeto arquitetônico concreto, quer como objeto técnico quer como objeto estético ainda, é muito grande. Pode-se atribuir esse fenômeno à própria dificuldade que o objeto arquitetônico oferece para o distanciamento crítico, pois o próprio estar do homem no mundo já o configura, essencialmente, como intervenção no ambiente construído, que é experimentado subjetivamente, de imediato: símbolo, memória, condição de vida. A especificidade que a arquitetura assume, então, como produção cultural, afeta também nosso entendimento das relações entre o homem e o ambiente por meio da história.

O movimento moderno e o campo cultural

O movimento moderno na arquitetura representa um episódio de transição histórica marcado pela reflexão sobre as mudanças tecnológicas ocorridas a partir da Revolução Industrial, reinvestindo-as no campo das produções culturais. Também as práticas arquitetônicas foram condicionadas, enquanto especialização institucionalizada, em decorrência dessas transformações, caracterizando a especificidade de seu campo de formação e atuação no interior do campo cultural.

Com a Revolução Industrial, os limites impostos à arquitetura, em confronto com a formação de caráter politécnico da engenharia, desenhou seu processo de autonomia nos quadros do academicismo, posto tratar-se de um fazer artístico, que se restringira, muitas vezes, ao desenho de fachadas. A íntima relação entre técnica e arte deixara de ser óbvia para a arquitetura. Descartou-se como inadequado seu caráter técnico tradicional, de lenta e restrita possibilidade de transmissão, incapaz de enfrentar as demandas de uma sociedade que se organiza sob a necessidade de abrigos sob grandes vãos: para a produção, para o armazenamento e para a comercialização de mercadorias. Ou ainda, para viabilizar a vida e o habitar dessa população sempre crescente que se aglomera em torno dos espaços de trabalho. A necessidade da atividade do arquiteto na sociedade já havia sido reconhecida por Platão em sua época. A sociedade industrial procurou criar os meios capazes de obter, rapidamente, profissionais em número suficiente para dar conta das novas necessidades construtivas com a criação das escolas de engenharia. Para os arquitetos, ao fazer frente a essas urgências, houve necessidade de forjar um distanciamento tático da concepção de arquitetura enquanto arte, pleiteando um lugar no universo científico e tecnológico que se impunha. Em arte, o processo de formação é tradicional e para poucos, e até então vinha sendo considerado suficiente. O enfrentamento dos arquitetos com o academicismo, proveniente das escolas de belas artes que caracterizou o movimento moderno, fundamentou-se na identificação da prática da arquitetura com os ideais democráticos, com o caráter social a que haviam se vinculado as temáticas urbanas e também com os avanços propiciados pela técnica.

A preocupação com o conjunto do hábitat humano foi uma das questões que marcou uma linha divisória da arquitetura moderna para com o passado. No pós 1ª Guerra Mundial, a perspectiva de socialização estava na ordem do dia na Europa. Os programas democráticos e a perspectiva de um novo modo de viver ampliam as políticas públicas voltadas para as populações carentes de habitações e outros serviços públicos em alguns países da Europa, como Alemanha e Holanda. Arquitetos faziam uso da arquitetura moderna nesses países.

As novas necessidades programáticas da emergente sociedade de massas, um contingente populacional urbanizado e mais democratizado que, ingressando

no mercado de consumo, reivindica cada vez mais o acesso ao abrigo, ao lazer, à educação e à saúde, impunham soluções. As bases técnicas e científicas predominantes na sociedade industrial, fundadas em seu processo produtivo, equacionavam potencialmente as alternativas para a abordagem dessa questão: maior rapidez de execução diante de um processo produtivo ainda manufatureiro, normatização de componentes, capaz de inserir a produção industrializada na construção, condições técnicas para execução de grandes vãos para os diversos usos públicos e para criar maior adensamento nos espaços de uso privado. Paralelamente, o reconhecimento da contingência de um processo produtivo, fundado na produção de mercadorias para um mercado desconhecido, parecia exigir para a arquitetura a constituição de um corpo teórico erigido em bases afins com aquelas que vinham sendo cientificamente constituídas, em outros campos do conhecimento, capacitando-a para processar e interpretar as necessidades humanas nessas novas condições de produção. As abstrações sobre o homem, as quais vinham se estabelecendo nas ciências humanas, ofereciam paradigmas que indicavam a possibilidade de constituição de procedimentos semelhantes para as questões referentes aos usos dos espaços para a arquitetura, conceituando as relações entre o homem e o ambiente em que vive.

Os projetos desenvolvidos pela arquitetura moderna foram inicialmente de caráter utilitário: escolas, residências, fábricas. Esses temas, enfatizados como espaços para usos, podem ser também qualificados como instrumentos para o viver. Como instrumento, é passível de inserção no campo da racionalidade técnica, investigando paradigmas ou axiomas que possam fundamentar a prática. Trata-se de uma adequação e uma resposta às questões postas pela sociedade industrial. A partir disso, a identificação simbólica prevalecente para aquela visualidade proveniente da Academia de Belas Artes pôde ser considerada como inadequada às necessidades impostas pela sociedade emergente. Esse é o modo como se manifesta a adesão da arquitetura às vanguardas artísticas do início do século 20.

A cisão entre arte e técnica, que desde o século 18 vinha presidindo a prática da construção, notadamente quanto ao processo de formação de profissionais provenientes das escolas politécnicas, diverso dos arquitetos formados na prática de ateliê, ambos desempenhando as mesmas atribuições, explicita-se no interior da prática arquitetônica, no advento do movimento moderno. O desenvolvimento expresso na trajetória dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna – CIAMs, configurou o movimento moderno na arquitetura como um processo de adesão à predominância do discurso técnico-científico, em detrimento do entendimento da arquitetura como fazer artístico, deixando às demais formas de manifestação artística a crítica ou a resistência à emergente cultura de massas.

Os CIAMs

Os trabalhos desenvolvidos pelo CIAM antes da 2ª Guerra Mundial baseavam-se na crença das possibilidades de melhoria da qualidade de vida das populações urbanas, adequando os espaços produzidos às necessidades da sociedade industrial. Seus estudos e análises estavam fundamentados em fatores técnicos e biológicos, os quais avaliavam as necessidades humanas em termos de clima, áreas verdes, equipamentos sociais e densidade populacional.

A ênfase nos fatores técnicos e racionais, o estudo das atividades humanas em observância às funcionalidades dos espaços a elas adequados, fizeram com que as propostas e diretrizes do CIAM fossem compreensíveis por todos. Tais propostas foram, gradativamente, assimiladas e incorporadas em muitos de seus aspectos, aos instrumentos legais que ordenam as cidades e às construções no mundo todo.

De fato, houve por parte do CIAM a intenção de melhor conhecer o ambiente urbano e propor meios de transformá-lo, adequando-o às novas necessidades e às novas possibilidades que pareciam se abrir com a industrialização. Em seus aspectos plásticos, essa nova arquitetura se expressou como suporte coerente com as propostas técnicas e racionais voltadas para o novo mundo que se vislumbrava. A identificação simbólica foi sendo permeada pelas técnicas e materiais construtivos cada vez mais similares no mundo inteiro, apontando para a homogeneidade em escala internacional, para a não-diferenciação das edificações quanto aos usos estabelecidos, equalizando-se como mercadoria entre mercadorias. Estando voltada para o futuro, essa arquitetura se expressou sem recorrer ao repertório plástico das imagens produzidas no passado pela humanidade. Até mesmo negando essas imagens e procurando delas se liberar para a criação de uma linguagem proveniente dessa visão de futuro.

Em função dessa fundamentação na racionalidade, os princípios elaborados pela arquitetura moderna, no período que precede a 2ª Guerra Mundial, tornaram-se compreensíveis para nós. Quando nos voltamos para a arquitetura que é hoje produzida, temos dificuldade em compreendê-la em sua diversidade, tanto quanto às suas propostas, quanto à sua forma. Depois da 2ª guerra, o ideário do CIAM foi considerado utópico, uma vez que a consideração da realidade concreta assumira relevância e maior premência, com o término da guerra, em 1945.

A bomba atômica e o holocausto provocaram, de fato, um grande impacto na sociedade e em suas expectativas quanto ao futuro. Predominou, a partir de então, uma grande desesperança de transformar ou entender a sociedade. Os Estados Unidos assumiram a hegemonia na economia mundial e o centro mundial da cultura artística deixou de ser a Europa. O modelo da sociedade consumista americana expandiu-se para o mundo.

Arquitetura e sociedade de consumo

A expansão do modelo da sociedade de consumo afetou o urbanismo e a arquitetura. Os shopping centers, supermercados e cinemas foram se espraiando por todas as áreas, até aquelas consideradas como habitacionais. Perante essa nova realidade, a *Carta de Atenas*, produto do IV CIAM, foi considerada insuficiente. Finalmente, em 1959, foi colocado um fim às atividades do CIAM.

Na avaliação do CIAM, as necessidades humanas foram consideradas a partir de bases biológicas e das possibilidades técnicas. À cultura da sociedade de consumo, entretanto, é sempre possível criar necessidades, com o objetivo de ampliar o consumo para as mercadorias produzidas, moldando as necessidades de consumidores às necessidades de circulação de mercadorias. Foi possível para o CIAM pensar em termos de "habitação mínima", visto que prevaleceu posteriormente, na contemporaneidade, a lógica da produção de mercadorias, informando que é imprescindível cada membro da família ter seu próprio banheiro, aparelho de som, de TV, computador, produzidos no horizonte da obsolescência programada.

O CIAM representou para a arquitetura e o urbanismo a perspectiva de compreender e transformar o mundo, pensando em uma sociedade sem muitos conflitos e passível de ser compreendida e desejada por todos. Mas a 2ª guerra transforma esses valores. Sem expectativas de futuro para a sociedade, as bases da sobrevivência se deslocam da perspectiva social para a individual. Com a desesperança de criar um mundo, emergiram as "estratégias de sobrevivência" psíquica que privilegiam o individualismo e a subjetividade como alternativa, configurando um fenômeno descrito por Lasch como "cultura do narcisismo", em uma crítica à sociedade de consumo americana da década de 70 (LASCH, 1983). A relevância dos aspectos privilegiados pela multiplicação de escolhas, propiciados pelo desenvolvimento, ampliação e aprofundamento da sociedade de consumo, também se desdobra nos aspectos referentes às concepções sobre as práticas arquitetônicas. Seus contornos técnicos foram submetendo-se às novas exigências, procurando atender às demandas de apaziguamento, proteção e bem-estar que a arquitetura e o desenho urbano podem proporcionar, a partir do agenciamento de ambientes diferenciados e qualificados nessa perspectiva.

Até o Team X, a equipe de jovens arquitetos encarregados da organização do X CIAM, a cidade vinha sendo pensada em termos do novo, tanto em relação às estruturas herdadas como quanto às propostas. A partir do Team X, passou a vigorar cada vez mais a atitude de consideração com a cidade existente, mesmo porque a adesão à realidade havia sido uma das razões que aglutinara o grupo contra a *Carta de Atenas* (BENÉVOLO, 1997). Emerge a necessidade de uma leitura histórica da cidade, tratando a rua e o tecido urbano com seus monumentos como expressão da memória coletiva, o que é proposto por Aldo Rossi em 1966, em seu livro *A arquitetura da cidade*.

Em 1960, Kevin Lynch publica *A imagem da cidade* e, em 1961, Gordon Cullen, *Paisagem urbana*. Trata-se de uma literatura baseada na análise direta da cidade e de seus elementos concretos. Há o reconhecimento de o *locus* ser determinante para a análise da arquitetura. A história, presente nos diversos edifícios da cidade, construídos em diversas épocas, desperta a atenção para a composição do espaço urbano, que se constitui como imagem, a partir da conjugação de diversos elementos, configurando o reconhecimento do fazer arquitetônico como um dos aspectos culturais a contribuir para a constituição da identidade do homem.

O balanço do movimento moderno na arquitetura, que germinou com a reconstrução européia no pós 2ª guerra, foi ao encontro da crítica social e cultural, centrada nos aspectos técnicos e científicos da modernidade, os quais caracterizaram o entendimento da condição pós-moderna de desenraizamento do homem do ambiente. O conhecimento sobre o ambiente material e sobre o mundo social, ampliado e difundido pelos CIAMs, contribuiu para o fomento da imagem de intrusão e controle da subjetividade efetivados pelos aparatos técnicos e científicos. A partir disso, a prática arquitetônica investiu na tentativa de resgate dos sentidos compartilhados identificados na arte, muitas vezes pela recuperação do passado e da tradição, seja por imagens, seja por processos materiais para a produção da arquitetura. E ao se enfatizar ou qualificar o lugar, toma-se em conta também seu caráter de unicidade: o lugar pode ser percebido também ora como distinção, ora como exclusão, mas sempre como portador potencial de diferenças.

Processo de produção da arquitetura e imagem na contemporaneidade

Hoje, entretanto, as possibilidades técnicas e os materiais contemporâneos podem moldar-se e adequar-se aos aspectos simbólicos que se queira. As possibilidades formais e expressivas da arquitetura ganham uma autonomia que até então era quase impensável. Edifícios, também percebidos como um *outdoor*, reforçam sua autonomia simbólica: a obra deve ser rapidamente percebida por quem passa, manifestando-se como obra única e capaz de veicular caracteres de prestígio, de poder, originalidade ou outros mais. Embora possa haver alcançado autonomia até mesmo em relação aos processos construtivos, sob certos aspectos, já que estes processos podem também ser produzidos como suportes para os envoltórios imagéticos desejados, o campo das práticas arquitetônicas, dependendo substancialmente de investimentos, quer privados quer públicos, submete-se aos ditames da economia prevalecente para sua realização. A própria criação do CIAM, em 1928, foi resultante da

percepção que, para o movimento moderno na arquitetura poder se sustentar, haveria necessidade da conquista de um público e, principalmente, do Estado. As criações e a adesão ao movimento moderno, como ficou assinalado anteriormente, mais do que dependente de escolhas, sejam técnicas, formais ou simbólicas, fundamentaram-se e foram entendidas por seus protagonistas, como que emanadas diretamente de necessidades. A posterior reflexão crítica do movimento moderno, entretanto, refestelou-se na amplitude das fragilidades identificadas, que os avanços no campo do conhecimento e a posterior compreensão da natureza dos fenômenos analisados e abordados permitiu identificar. A partir dessa crítica, pretendia-se, muitas vezes, repensar o campo das práticas arquitetônicas no interior do universo histórico e cultural, ampliando o universo e a abrangência das opções criativas e tecnológicas. Mas, em última instância, há a escolha dos comitentes, que se torna decisiva, na maior parte das vezes, atuando em caráter internacional. Escolha que pode não se deter na mera escolha do escritório de arquitetura ou do arquiteto, mas, inclusive, avançar para o interior do processo de produção da arquitetura, carreando alguma imagem produzida alhures, como ponto de chegada para o processo projetual a iniciar-se, imagem esta que pode ser, desde a presença na mídia e nas revistas de arquitetura, até alguma ordem "estética" programada por agentes publicitários.

Por meio do breve percurso que traçamos aqui, consideramos que a trajetória da prática arquitetônica desembocou em um presente no qual nos surpreendemos com a insuficiência crítica herdada do passado, com a permanência das dúvidas quanto ao que é construído e publicado nas revistas nacionais e estrangeiras ou observado na paisagem urbana de São Paulo. Com esses processos de produção de imagens, difundidas pela mídia como produção arquitetônica e, com a publicidade imobiliária que identifica os espaços nos quais a vida é mais qualificada, corremos o risco de habituar-nos à idéia de "viver em um cartão-postal", ou até mesmo desejar que isso aconteça. São imagens as quais, pela escala, pela impalpabilidade da matéria com que são construídas, pela predominância do contorno preciso, são percebidas mais como um cenário chapado do que um ambiente capaz de acolher e envolver o humano enquanto presença do passado e expectativa de futuro. Edificações cujas imagens, na maior parte das vezes, não parecem provenientes ou resultantes de processos construtivos, programas, expectativas. Em conjunto, são imagens que poderiam ser consideradas como a arquitetura ou cenário dos filmes Matrix ou show de Truman que, no decorrer da narrativa, desvendam-se como "cartão-postal". Os heróis desses filmes conseguem, de algum modo, um estranhamento a lhes permitir o distanciamento dessas imagens que a todos, mesmo para nós que assistimos ao filme, é inicialmente, muito familiar.

Bibliografia

BENÉVOLO, Leonardo. *O último capítulo da arquitetura moderna*. Lisboa: Edições 70, 1997.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

VARGAS, Milton. *Metodologia da pesquisa tecnológica*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1984.

Palavras-chave (key words)

Arquitetura contemporânea, movimento moderno, CIAM, cultura, identidade, crítica, projeto.

Contemporary architecture, modern movement, CIAM, culture, identity, critique, design.

Angela Maria Rocha
Artista plástica e arquiteta, doutora formada pela FAUUSP, professora do Departamento de Tecnologia da Arquitetura da FAUUSP.